



Educomunicação como metodologia para resgate da memória



Marcelo Mauricio Miranda

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, é notória a imersão das pessoas no movimento infinito da informação. Essa informação que, de forma organizada, constitui uma mensagem sobre um determinado fenômeno, também permite se resolver problemas e tomar decisões, para que possamos conferir às coisas do mundo seus significados e códigos, tangenciando, assim, o pensamento humano.

Por meio da informação, por vezes direta, por vezes mediada, as pessoas se comunicam, interagem entre si, conflitam, culturalmente falando, com diversos grupos sociais, gerando assim adequações culturais para cada período da vida. Essas adequações culturais marcam sociedades, tanto na esfera da história, quanto da memória. E, essa é a questão deste estudo (CHAUÍ, 2008).

Com o movimento infinito da informação, os conflitos culturais, a interação humana via meios de comunicação, o advento da publicidade e da propaganda como ferramenta amplificadora de conceitos e tendências da contemporaneidade, de tal forma faz com que fragmentos culturais relevantes que estão em processo de inclusão na esfera da História, se apequenem até à invisibilidade, em se tratando do campo da Memória.

Ou seja, algumas passagens históricas de lugares e pessoas, importantes num dado momento, perdem seu espaço pelas novidades “informativas” e, devido à falta de um registro mínimo, acabam por perder seu espaço na Memória, ocasionando um esquecimento coletivo da história, desses mesmos lugares e pessoas (HALBWACHS, 2006).

Partindo dessa questão, no segundo semestre de 2014, na disciplina de Comunicação Cultura e Educação, do segundo período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena, realizamos atividade educacional de produção de documentários sobre personalidades da cidade, esquecidas pelos próprios barbacenenses, com o decorrer dos anos.

O objetivo da atividade era criar registro, via documentário. O maior problema para a atividade era a ausência de informações bibliográficas das personalidades.

Daí, os alunos, divididos em grupo de sete, com as suas personalidades temáticas em mãos, bem como tendo passado por aulas introdutórias de

produção de roteiro, angulação de câmeras, sons e cenários, realizaram pesquisa de campo e registros em vídeo de depoimentos de pessoas próximas a essas personalidades. Conseqüentemente, foram criando o que Soares (2000) denomina como ecossistemas comunicativos em ambientes educativos.

Uma das personalidades dessa ação Educomunicativa foi Heleno de Freitas, ex-jogador de futebol da década de 1940, considerado o primeiro “craque problema” do futebol brasileiro, que morreu num hospital psiquiátrico de Barbacena, em decorrência da sífilis, em 1959.

Heleno era advogado, boêmio, “catimbeiro”, boa vida, irritadiço, galã e quase intratável. Depois de onze anos jogando futebol, entrou para a história como um dos maiores craques do futebol sul-americano. Sua vida foi marcada por vícios em drogas como lança-perfume e éter o que, com o tempo, fez agravar sua doença.

Sua vida foi retratada no filme Heleno (2012) estrelado por Rodrigo Santoro, entretanto a obra cinematográfica não caiu no gosto popular e, até mesmo em Barbacena, local tema do filme, Heleno, conhecido na cidade até 1990, tornou-se invisível, na atualidade.

Porém, um grupo de alunas do curso de pedagogia, tendo Heleno de Freitas como referência, a partir de estudos e práticas educomunicativas, foram a campo e realizaram, além de pesquisas bibliográficas, cinematográficas e documentais, entrevistas com pessoas que conviveram com o protagonista, tanto em Barbacena, como também em sua cidade natal, São João Nepomuceno – MG.

O resultado dessa pesquisa foi um documentário rico de novas histórias, novos personagens que, com seus depoimentos, de certa forma, transferiram Heleno dos fragmentos da Memória, para os registros da História. Dessa forma, com o documentário, pode ser possível amplificar a relação de Heleno de Freitas com Barbacena, publicizando àqueles que não o conhecem, sua passagem pela cidade e suas histórias com pessoas comuns de nosso dia-a-dia, como pais, tios, avós dentre outros (MASCARELLO, 2010).

2. BARBACENA - MG

A cidade de Barbacena teve por origem uma pequena aldeia de índios Puris,

formada por jesuítas junto às cabeceiras do Rio das Mortes, pelas primeiras bandeiras que penetraram no território das Minas Gerais e Borda do Campo.

Os primeiros povoadores da região foram paulistas e portugueses, procedentes, na maioria, de Taubaté. Os bandeirantes se estabeleceram no local chamado Borda do Campo, também denominado Campolide, onde construíram a capela de Nossa Senhora da Piedade (BERTOLA, 2005).

Na Borda do Campo construíram também a Fazenda da Borda do Campo, de propriedade, desde o fim do século XVII, dos bandeirantes capitão-mor Garcia Rodrigues Pais e de seu cunhado coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme (BERTOLA, 2005).

De acordo com relatos da Fundação Presidente Antônio Carlos (1999), em 1725, o quarto bispo do Rio de Janeiro, o Frei Dom Antônio de Guadalupe, criou a Freguesia de Nossa Senhora da Piedade, que teve a antiga capela como sede provisória até 1730. Em 19 de agosto de 1728 na primeira visita pastoral de D. Frei Antônio de Guadalupe, foi escolhido o “sítio da Igreja Nova”, a atual Matriz de Nossa Senhora da Piedade, sendo a 9 de dezembro de 1743, demarcado o local pelo Padre Manoel da Silva Lagoinha, com uma Cruz de madeira e iniciada na mesma data a edificação do templo.

Para Matos (1979) essa freguesia foi transferida para a Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade, em 27 de novembro de 1748. Em torno da igreja, ergueu-se o Arraial da Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, chamado também de Arraial ou freguesia da Borda do Campo ou ainda de Arraial da Igreja Nova do Campolide.

Entretanto, a Vila de Barbacena foi criada, apenas, em 14 de agosto de 1791. Seu nome é originado de um de seus construtores, o Visconde de Barbacena, Dom Luís Antônio Furtado de Mendonça, então governador e capitão-general da capitania (MASSENA, 1985).

Barbacena, por meio de sua Câmara, foi a primeira vila de Minas Gerais a enviar representação a D. Pedro I, então regente, em favor do “Fico” (9 de janeiro de 1822). Em 11 de fevereiro de 1822, dirigiu-se à Câmara de Barbacena ao príncipe regente, numa representação em que se propunha para ser a sede da Monarquia

portuguesa. Estes atos lhe valeram o título de “Muito Nobre e Leal Vila”, conferido por decreto, de 24 de fevereiro de 1823 e Alvará de 17 de março do mesmo ano (MASSENA, 1985).

Os fatos históricos nos mostram que Barbacena teve importante participação nos movimentos políticos que agitaram a região das Alterosas e do país, a partir da segunda metade do século XVIII. Atualmente, as famílias Bias Fortes e Andrada se digladiam pelo poder local (LADEIRA, 2009).

3. A LOUCURA

Barbacena é reconhecida, nacionalmente, com a Cidade dos Loucos. Entre 1903 até meados da década de 1980 o hospital psiquiátrico de Minas Gerais, sede Barbacena, funcionava como hospício e recebeu, por décadas, milhares de pessoas que foram internadas, fazendo com que o município passasse a ser conhecido como a “Cidade dos Loucos”.

Geralmente, as pessoas internadas no hospital psiquiátrico sofriam de algum distúrbio mental ou, simplesmente, apresentavam um comportamento inaceitável para o padrão conservador da época. Pessoas com essas “anomalias” foram internadas, em grande parte, para serem isoladas da sociedade (ANDRADA, 1999).

Estima-se que 60 mil pessoas tenham morrido no hospital psiquiátrico de Barbacena, no período de seu funcionamento, vítimas das condições precárias da instituição, que chegou a ser comparada a um campo de concentração, pelo psiquiatra italiano Franco Basaglia, em 1979 (BERTOLA, 2005).

Entretanto, de acordo com Lobosque (2003) a história começou a mudar na década de 1980, quando teve início no Brasil a luta antimanicomial. O movimento, idealizado por trabalhadores da área de saúde mental, previa o fim dos hospícios e a integração das pessoas com problemas mentais à sociedade. Aos poucos, Barbacena viu o cenário se transformar.

Atualmente, o país passa por um período de desinstitucionalização e efetiva reintegração de doentes mentais graves à comunidade, por intermédio do Sistema Único de Saúde (SUS). Barbacena reflexa essa mudança, pois dispõe de diversos programas governamentais da área, como o Serviço Residencial Terapêutico (SRT)

(BRASIL, 2004).

As residências terapêuticas constituem-se como alternativas de moradia para um grande contingente de pessoas que estão internadas há anos em hospitais psiquiátricos por não contarem com suporte adequado na comunidade (BRASIL, 2004).

Além disso, segundo do Conselho Federal de Psicologia (2003) essas residências podem servir de apoio a usuários de outros serviços de saúde mental, que não contem com suporte familiar e social suficientes para garantir espaço adequado de moradia.

4. HELENO DE FEITAS E A LOUCURA

Antes mesmo do apelo midiático ao esporte, quando apenas o rádio e alguns jornais eram considerados “de massa”, Heleno de Freitas ganhava espaço nas manchetes jornalísticas, tanto por sua habilidade e gols, como também por seu comportamento fora dos padrões tradicionais.

Heleno de Freitas nasceu em São João Nepomuceno - MG, em 12 de fevereiro de 1920 e faleceu em Barbacena, no dia 8 de novembro de 1959, num hospital psiquiátrico (HELENO, 2012).

Segundo Neves (2012), considerado o primeiro “craque problema” do futebol brasileiro, Heleno de Freitas foi advogado, boêmio, boa vida, irritadiço e galã. Seus amigos o apelidaram de “Gilda”, por seu temperamento e por este ser o nome de uma personagem da atriz norte-americana Rita Hayworth, em filme de mesmo nome.

Dono de uma postura elegante dentro e fora de campo, o jogador de cerca de 1,82 metros de altura, foi o maior ídolo do Botafogo do Rio de Janeiro, antes de Garrincha, e marcou sua passagem pelo alvinegro carioca com 209 gols em 235 partidas (NEVES, 2012).

Pela Seleção Brasileira de Futebol, Heleno de Freitas fez 18 partidas, marcando dezenove gols, tendo sido artilheiro do Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1945, com seis gols, atual Copa América. Sonhava em disputar a Copa do Mundo, mas, devido à guerra, o Mundial foi cancelado em duas ocasiões, 1942 e 1946

(NEVES, 2012).

Entretanto, a vida de Heleno foi marcada, não só pelo futebol, mas também por vícios em drogas como lança-perfume e éter. Por ser um jogador boa pinta, elegante, de classe alta e boêmio, envolvia-se com várias mulheres e frequentava prostíbulos e casas de jogos (HELENO, 2012).

No auge de sua carreira, Heleno de Freitas foi diagnosticado com sífilis cerebral, mas, devido às consequências do tratamento da doença, bem como a um diagnóstico tardio, preferiu não se tratar. A sífilis, considerada pelos médicos uma doença silenciosa, foi corroendo o corpo e a mente de Heleno e, depois de quase cinco anos de internação, vítima de Paralisia Geral Progressiva, a terceira e devastadora fase da sífilis, faleceu em 8 de novembro de 1959 (NEVES, 2012).

A vida e as tragédias de Heleno de Freitas foram retradadas no filme “Heleno”, de 2012, com a direção de José Henrique Fonseca e produzido e estrelado por Rodrigo Santoro.

O filme retrata em parte, como era o tratamento de pacientes psiquiátricos em Barbacena, na década de 1950, bem como a própria cidade. Entretanto, a cidade serviu para os cineastas como fonte de pesquisa e inspiração, mas as cenas do filme não foram rodadas em Barbacena.

5. HELENO DE FREITAS; LOUCURA; E BARBACENA

O tormento que a sífilis cerebral causava em Heleno, no início da década de 1950, parecia ser incontrolável. Devido às exhibições insanas de Heleno, nos jogos e na vida social carioca, a própria imprensa da época o rotulava como louco, irresponsável por seus atos (HELENO, 2012).

A sífilis que acometeu Heleno, além de fazê-lo perder peso e apresentar fortes dores musculares, também sequelou sua mente, pois ele passou a apresentar, também, manifestações psiquiátricas como mania de grandeza, discurso sem nexos e confusão entre fantasia e realidade (NEVES, 2012).

Conseqüentemente, esgotadas todas as tentativas de tratamento e socialização de Heleno, a família decide interná-lo. Heleno de Freitas deu entrada na Casa de Saúde São Sebastião, em Barbacena, em 19 de dezembro de 1954, conforme

documentos do prontuário 220, uma pasta com cerca de 120 cartas trocadas entre o médico José Theobaldo Tollendal e Heraldo de Freitas, irmão de Heleno (NEVES, 2012).

A partir dos fatos expostos acima, percebe-se que Heleno de Freitas, por muito tempo, foi rotulado como louco, mas, na realidade, ele apresentava um quadro grave de sífilis cerebral. Devido a essa “loucura”, Heleno chegou a Barbacena e, nessa cidade, passou seus últimos dias de vida.

Entretanto, um fato que deve ser destacado é que, mesmo depois de deixar os gramados, Heleno de Freitas frequentava os jogos de futebol da cidade, como espectador e, da torcida palpitava e criticava os jogadores que estavam em campo.

Por algum tempo, os barbacenenses ainda lembravam-se de Heleno e sua passagem pela cidade, entretanto, com o passar dos anos, sua relação com a cidade começou a ser apagada, principalmente, com o fechamento da Casa de Saúde São Sebastião. Outro fato que, entendemos, contribui para o esquecimento de Heleno pelos barbacenenses é a falta de registros sobre esse personagem.

6. EDUCOMUNICAÇÃO E HELENO DE FREITAS

A Educomunicação que, aparentemente, parece ser um neologismo entre Educação e Comunicação, vai mais além do que fazer a junção de dois conceitos tão antigos e, ao mesmo tempo, contemporâneos.

A comunicação na educação não é apenas ensinar e preparar o receptor a fazer leitura crítica da mídia, seus veículos e suas mensagens, mas, também, estimulá-los à produção de conteúdos, à participação cidadã e democrática nas suas relações (KAPLUN, 1999).

Não se trata de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo (SOARES, 2015).

Com base na afirmação de Soares (2000), no segundo semestre de 2014, na disciplina de Comunicação Cultura e Educação, do segundo período do curso

de pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena, realizamos atividade Educomunicativa de produção de documentários sobre personalidades da cidade, esquecidas pelos próprios barbacenenses, com o decorrer dos anos.

O objetivo da atividade era criar registro, via documentário. O maior problema para a atividade era a ausência de registros bibliográficos das personalidades (NICHOLS, 2005).

Uma das personalidades dessa ação educomunicativa foi Heleno de Freitas. Os alunos, ao se depararem com esse personagem polêmico e, com a problemática de haver poucos registros sobre o mesmo, tiveram que planejar estrategicamente todo o conteúdo do documentário, bem como sua produção (NICHOLS, 2005).

Entretanto, a partir de relatos dos próprios alunos, do momento em que realizavam as entrevistas, gravavam, editavam e finalizavam cada trabalho, a curiosidade sobre o tema do documentário se aguçava. A partir daí os alunos descobriram o livro intitulado “Nunca houve um homem como Heleno”, do autor Marcos Eduardo Neves, da editora Zahar.

Após as alunas conhecerem o livro, obtiveram sucesso no contato com Marcos Eduardo Neves. O autor gravou seu relato de experiência sobre a pesquisa da vida de Heleno Freitas e esse relato passou a fazer parte do documentário acadêmico.

O contato com Marcos Eduardo Neves motivou os alunos a procurarem outros contatos, outras pessoas que pudessem dar seu depoimento sobre a sua relação com Heleno de Freitas, dando, assim, luz à própria essência do ecossistema comunicativo, em espaços educacionais ou virtuais (SOARES, 2000). Por isso, num final de semana, os alunos saíram de Barbacena e viajaram até São João Nepomuceno, cerca de 150 km. Na cidade, eles fizeram contato com familiares de Heleno que, também, gravaram seus depoimentos para o documentário.

Os familiares de Heleno levaram as alunas para conhecerem a casa onde ele nasceu, o primeiro campo em que Heleno jogou futebol e seu o túmulo. Um fato marcante nessa fase do documentário foi quanto a humanização do personagem principal (NICHOLS, 2005). Até então, Heleno de Freitas era conhecido como o

boêmio, o louco, o craque, dentre tantos outros adjetivos, mas, para seus familiares, ele é reconhecido, até hoje, como o “Tio Heleno”, homem doce e atencioso com os sobrinhos e primos.

O resultado final do documentário, tanto na perspectiva da estética, quanto do conteúdo, superou todas as expectativas, pois a pesquisa foi mais profunda que havíamos imaginado. De certa forma, relacionamos o resultado do trabalho ao que Soares (2000) denomina como ecossistemas comunicativos em ambientes educativos.

Uma das características da Educomunicação é ser mais do que um campo de conhecimento, mas um espaço de interação. Para Soares (2014) o objetivo não é o produto final em si, mas sim o desenvolvimento do processo.

Essa foi a realidade do documentário produzido pelos alunos do curso de pedagogia da UEMG. A temática pesquisada se interagiu com a produção do documentário, gerando incentivo horizontal de todos os integrantes do grupo em questão, em conquistar novas descobertas sobre Heleno de Freitas e, conseqüentemente com a produção do documentário, criar um registro que objetiva manter vivo um fragmento histórico de Barbacena-MG (SOARES, 2014).

Em suma, o documentário produzido pelos alunos da pedagogia, sobre a vida do ex-craque Heleno de Freitas, além que ter se alimentado de fontes nutridas na essência da Educomunicação, também tem sua importância na perspectiva da Memória, pois, com a obra audiovisual criou-se registro de um fragmento abstrato, imaterial, da vida e da cultura tanto do futebol, como da cidade, e, também, do próprio “Tio Heleno”.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição a ser dada com este relato de experiência é o pensamento e a produção coletiva, unindo os trabalhos dos dois campos estudados, ou seja, Educação e Comunicação, para a elaboração dos ecossistemas educacionais comunicativos.

À luz da Memória, conceituada por Halbwachs (2006), bem como de parte do referencial teórico da Educomunicação, alunas de pedagogia se aventuraram no mundo da produção de documentários, tendo como seu protagonista o ex-craque

Heleno.

Ao propormos a criação de um documentário que objetivava resgatar um fragmento da memória local dos barbacenenses, ou seja, os anos de Heleno de Freitas e suas vivências na cidade, a partir de Soares (2000) o foco era que a produção fosse educ comunicativa.

Entretanto, ao percebermos a integração e forte interesse das pessoas envolvidas com o projeto em pesquisar cada vez mais, em qualificar de forma coerente o Documentário, identificamos o ecossistema comunicativo em espaço educativo, definido por Soares (2011), destacando a relação horizontalizada entre os participantes, bem como a produção colaborativa de conteúdos utilizando, os recursos tecnológicos disponíveis.

Esse Relato de Experiência apresentou apenas um aspecto, uma forma de se trabalhar a partir da perspectiva Edu comunicativa, entretanto, percebemos que existem inúmeras formas de ação da Educomunicação, por isso, torna-se necessário, cada vez mais, compreendê-la nas perspectivas da experiência, das políticas públicas e das metodologias de pesquisa, estudo e análise.

8. REFERÊNCIAS

ANDRADA, B. J. T. de.; LIMA, A. de. **História de Barbacena**. Coleção Cadernos Históricos, n. 1. Barbacena: Centro de Estudos Históricos da UNIPAC, 1999.

BERTOLA, Márcio. **É proibido esquecer**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Residências terapêuticas: o que são, para que servem**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Orgs). **Loucura, ética e política: escritos mi-**

litantes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FUNDAÇÃO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS. **A cultura em Barbacena: Literatura, História e Geografia.** Barbacena: UNIPAC, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

FONSECA, José Henrique. **Heleno.** [Filme-vídeo]. Manaus, 2012. 118 min. color. son.

KAPLUN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 14, p. 68-75, jan./abr.1999.

LADEIRA, Francisco Fernandes. As relações políticas entre as famílias Bias Fortes e Andrada na cidade de Barbacena: da formação da poderosa aliança à criação do mito da acirrada rivalidade. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, v. 2, n. 3, p. 55-76, nov. 2009.

LOBOSQUE, A. M. **Clínica em movimento: por uma sociedade sem manicômios.** Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MASCARELLO, F. **História do cinema mundial.** São Paulo: Papirus, 2010.

MASSENA, N. **Barbacena: a terra e o homem.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985.

MATOS, R. J. C. **Corografia histórica da província de Minas Gerais: 1837.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979.

NEVES, Marcos Eduardo. **Nunca houve um homem como Heleno.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____, I. O. **Alfabetização e comunicação: o papel dos meios de comunicação na formação de jovens e adultos ao longo da vida**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

_____, I. **Comunicação / educação emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Disponível em <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf>>. Acesso em 3 MARÇO de 2015.

_____, I. O. **Educomunicação: um campo de mediações**. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 19, p. 12-24, set./dez. 2000. Disponível em: <www.revistas.usp.br/comueduc/article/download/36934/39656>. Acesso em: 03 abr. 2016.

•● O AUTOR ●•

Marcelo Mauricio Miranda possui graduação em Publicidade e Propaganda, especialização em Administração, Marketing e Gestão Pública e mestrado em Educação e Sociedade. Atualmente, é editor do JORNAL FOLHA DE NEGÓCIOS, produzido pela EDITORA M2T LTDA e leciona na Universidade do Estado de Minas

Gerais (UEMG) - Unidade Barbacena. Desempenha na UEMG a função de chefe do Departamento de Ciências Humanas. É pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educomunicação, da UFSJ. Tem experiência nas áreas de Pesquisa, Comunicação, Educação, Educomunicação, Marketing e Direitos Humanos. E-mail: marcbarbacena@hotmail.com.